



Entre Apolo e Dioniso: Nietzsche e a estética trágica como crítica à racionalidade moderna

Between Apollo and Dionysus: Nietzsche and Tragic Aesthetics as a Critique of Modern Rationality

Valéria Ceranto-Ribeiro¹

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura de *O Nascimento da Tragédia* (1872), primeira grande obra de Friedrich Nietzsche, como crítica à racionalidade moderna e ao esvaziamento da cultura ocidental. Ao recuperar a tragédia grega como expressão da tensão entre Apolo e Dioniso, Nietzsche elabora uma concepção estética que valoriza o conflito, o sofrimento e a embriaguez vital como formas fundamentais de afirmação da existência. A análise, de natureza hermenêutica e filosófica, examina como o teatro ático — especialmente em Ésquilo e Sófocles — articula forma e excesso, ordem e abismo. Discute-se ainda o papel de Sócrates e Eurípides na dissolução do elemento musical e dionisíaco da tragédia, em favor de uma racionalidade discursiva que inaugura o niilismo moderno. Em contraste, Nietzsche compreende a tragédia como espaço de transfiguração do sofrimento em força criadora. A atualidade dessa visão aponta para a urgência de restaurar o vínculo entre arte e existência, como forma de resistência aos modos empobrecidos de subjetivação na contemporaneidade. Trata-se, em última instância, de pensar a arte como potência de regeneração sensível e crítica da cultura.

Palavras-chave: Vitalismo. Estética trágica. Antiguidade. Dionisíaco. Subjetividade.

Abstract: This paper proposes a reading of *The Birth of Tragedy* (1872), Friedrich Nietzsche's first major work, as a critique of modern rationality and the depletion of Western culture. By recovering Greek tragedy as an expression of the tension between Apollo and Dionysus, Nietzsche develops an aesthetic conception that values conflict, suffering, and vital intoxication as fundamental modes of affirming existence. The analysis, hermeneutic and philosophical in nature, examines how Attic theater—especially in Aeschylus and Sophocles—articulates form and excess, order and abyss. It also discusses the role of Socrates and Euripides in the dissolution of the musical and Dionysian element of tragedy, in favor of a discursive rationality that inaugurates modern nihilism. In contrast, Nietzsche conceives of tragedy as a space for the transfiguration of suffering into creative force. The timeliness of this vision underscores the urgency of restoring the bond between art and existence, as a form of resistance to impoverished modes of subjectivation in contemporary culture. Ultimately, it is a matter of conceiving art as a power of sensitive regeneration and critical renewal of culture.

Keywords: Vitalism. Tragic Aesthetics. Antiquity. Dionysian. Subjectivity.

¹ Especialista em Leitura e Produção Textual (UniCesumar). Bacharela em Filosofia (UFSJ). Pesquisa Nietzsche, tragédia grega e crítica da racionalidade. E-mail: valeriacerantoribeiro@aluno.ufsj.edu.br. Endereço: Estrada do Caminho Velho, Jardim Nova Cidade, 07252312 - Guarulhos, SP ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5212-3624>.

INTRODUÇÃO

O século XIX alemão foi marcado por transformações profundas que redefiniram o horizonte político, cultural e filosófico da Europa. A unificação do Império em 1871, sob a hegemonia prussiana, exigiu a construção de uma identidade simbólica capaz de articular passado clássico e presente convulsionado pela industrialização, pelo nacionalismo e pelo racionalismo técnico. Nesse cenário, arte e filosofia assumiram o papel de forças coletivas de elaboração de sentido. Nietzsche, como destaca Janz (2015, v. 1, p. 293), rejeitou a conciliação entre cultura e utilidade, entre beleza e doutrina. Para Rosa Dias, seu propósito não era fundar “mais uma filosofia”, mas instaurar um pensamento que reavaliasse a existência em sua totalidade (Dias, 2011, p. 11).

Publicado em 1872, *O Nascimento da Tragédia* inaugura a reflexão nietzschiana com um diagnóstico da crise estética e cultural de seu tempo. A ascensão do racionalismo técnico e científico estabelecia um modelo de mundo centrado na razão e no progresso linear, deslocando o valor simbólico e estético do legado clássico em favor da objetividade instrumental. Nietzsche percebe nesse processo a redução da arte a mero reflexo da moralidade e da política, esvaziando sua potência crítica e transformadora. Sua resposta não consiste em nostalgia de um passado grego, mas em instaurar uma ontologia estética em que a dor, longe de negada, torna-se força criadora e condição de afirmação da existência.

Este artigo delinea uma leitura de *O Nascimento da Tragédia* centrada na crítica à racionalidade socrática. Embora a obra organize sua reflexão em torno da tensão entre os impulsos apolíneo e dionisíaco, a análise aqui proposta desloca o foco para o papel de Sócrates, cuja figura marca uma transição decisiva da arte trágica para uma cultura dominada pela razão. Trata-se de tema desenvolvido em pesquisa anterior (Ceranto-Ribeiro, 2023), aqui retomado sob a chave do racionalismo moderno e sua relação com a arte e a filosofia.

Este artigo analisa *O Nascimento da Tragédia* como intervenção filosófica que questiona o impacto da racionalidade moderna sobre a experiência estética, formulando a questão central: o que ocorre com a cultura ocidental quando a tragédia é substituída pela razão normativa? Como resistir à domesticação da experiência estética sob a lógica racionalista moderna?

Nietzsche, ao analisar o papel de Sócrates e Eurípides na dissolução do dionisíaco e na primazia da razão, denuncia a substituição do delírio pela dialética, do canto pelo discurso e do excesso pela medida. Essa mutação inaugura uma sensibilidade estética domesticada, culminando na arte empobrecida e na ascensão da moral universalizante. “Nietzsche vê em Sócrates a figura que inaugura a decadência do pensamento trágico, pois sua racionalidade nega a experiência estética e vivencial que é própria da arte.” (Giacoia Jr., 2000, p. 38).

A crítica de Nietzsche, longe de ser apenas histórica ou filosófica, tem relevância crescente na contemporaneidade. A massificação cultural, a mercantilização da arte e a estetização digital reforçam a lógica racionalista, esvaziando o potencial simbólico da arte. Adorno e

Horkheimer (1985) apontam que, na sociedade moderna, a arte foi absorvida pela indústria cultural, tornando-se um produto consumido pela lógica do entretenimento e controle. Para Adorno, a verdadeira arte deve resistir a essa homogeneização da cultura e à mercantilização das emoções humanas, recuperando seu poder crítico e sua capacidade de desafiar a realidade. Assim, a reflexão nietzschiana oferece uma chave para pensar a arte como resistência à lógica do consumo e à homogeneização cultural.

Este estudo adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, com base na leitura crítica de *O Nascimento da Tragédia* e em textos complementares de Nietzsche. A análise se concentra no papel de Sócrates como marco da transição entre a arte trágica e uma cultura dominada pela razão, destacando passagens-chave que revelam essa ruptura. O diálogo com intérpretes como Nussbaum, Lefranc e Canfora contribui para aprofundar a compreensão dessa mudança espiritual. A pesquisa será organizada em três eixos principais: (1) as matrizes filosóficas e culturais que preparam a crítica nietzschiana; (2) o impacto da racionalidade socrática na dissolução do trágico; e (3) as implicações dessa crítica para a compreensão da racionalidade moderna.

O artigo busca restituir à arte sua função de confronto com o sofrimento, a morte e a linguagem, reafirmando a tragédia como forma de resistência ao esvaziamento simbólico e como potência criadora essencial para repensarmos o papel da arte na contemporaneidade.

1 O PESSIMISMO GREGO: ENTRE OS IMPULSOS APOLÍNEO E DIONISÍACO

O pensamento estético do jovem Nietzsche reage ao idealismo conciliador que dominava a recepção moderna da Antiguidade. Em vez de uma Grécia fundada na harmonia, ele vê nela a tensão entre forças inconciliáveis, cuja expressão mais radical é a tragédia ático-musical. A arte trágica não redime, mas assume e transfigura o sofrimento. “Nietzsche não procurava desprender o pensamento da vida [...]. A própria vida lhe é a verdade” (Janz, 2015, v. 1, p. 47).

Essa adesão à vida é o núcleo da filosofia nascente de Nietzsche, que rejeita a cisão entre objetividade e experiência. A arte não é ornamento, mas ontologia: “condição de acesso ao real” (Lefranc, 2011, p. 42). Inspirado nos pré-socráticos, especialmente em Heráclito, Nietzsche esboça uma ontologia fundada no conflito, onde o ser flui em devir, contradição e dor, pilares da criação estética. Brandão assinala que “a tragédia nasceu do culto de Dioniso” (Brandão, 2011, p. 17).

A sabedoria arcaica exprime-se no mito de Sileno: melhor seria não ter nascido. A tragédia responde simbolicamente, preservando esse saber no canto. O apolíneo oferece à dor uma máscara habitável; não há redenção, mas transfiguração. Nietzsche rompe com o otimismo iluminista e restabelece a dor como categoria estética. “O leitor sente o impacto não tanto de opiniões e argumentos, mas do homem por trás dessas opiniões [...] um poder espiritual mais profundo” (Nietzsche, 1992, p. 49).

A influência de Schopenhauer (2015, p. 296) é decisiva: “A arte não é uma mera ilustração da realidade, mas uma forma de transcendê-la. A música, em particular, é capaz de expressar a vontade, e com isso, a essência da existência”. Nietzsche retoma essa intuição, mas a subverte: recusa a resignação e faz da dor não uma condenação, mas um motor criador. Pela música — especialmente a wagneriana — encontra um modelo de arte que não representa o real, mas o vivencia em sua crueza. Essa experiência estética inaugura o trágico como forma de habitar o mundo, mostrando que o sentido nasce do confronto com o sem-sentido e que a filosofia, antes de ser explicação, é criação.

O teatro trágico revela-se pensamento encarnado: a *pólis* confronta seus limites sem capitular. “É porque a tragédia põe em cena, sob configuração de mito, problemas suscitados pela nova ordem da *pólis* que ela pode ser reconhecida [...] como verdadeira por um público de cidadãos” (Vernant & Vidal-Naquet, 2014, p. 33). O trágico é dobra interna da cidade. Nussbaum sustenta que reinsere acaso e desmedida na ação: “a vida do justo é digna de escolha”, mesmo destruída (Nussbaum, 2009, p. 41).

Nietzsche reconstrói o percurso do teatro grego como modulação entre embriaguez dionisiaca e lucidez apolínea. Em Ésquilo, o coro é arrebatado pelo sagrado; em Sófocles, os dilemas se interiorizam, sem perder o mistério. Em Eurípides, o *logos* se impõe e a música cede à dialética. Aristóteles (2015, p. 33) define a tragédia como imitação catártica e a verossimilhança disciplina o êxtase.

A transformação estética coincide com a nova sensibilidade: a razão discursiva, agora vista como critério definitivo da verdade, substitui a vitalidade espontânea da tragédia, e o palco, antes um espaço de ritual e delírio coletivo, transforma-se em performance argumentativa. Essa mudança não só racionaliza as emoções e dilemas apresentados, mas também os submete a uma moralização e controle lógico que os priva de sua potência criadora. Na formulação de Brandão (2011, p. 46), “o dionisiaco passa a ser lembrança, a música à retórica, e o delírio coletivo à moralização do drama”. Para Nietzsche, essa transição marca o início da decadência da tragédia: a arte, que antes era expressão viva do sofrimento e da potência humana, passa a ser uma representação diluída pela razão, perdendo sua capacidade de transfiguração.

Da crítica estética nasce a genealogia dos valores. O crivo deixa de ser a forma e torna-se a potência de intensificar a vida. “Fazer qualquer apreciação passar pelo crivo da vida equivale a perguntar se ela contribui para favorecê-la ou obstruí-la” (Marton, 2000, p. 62). *O Nascimento da Tragédia* denuncia a ascensão de uma subjetividade que separa pensamento e dor, espírito e corpo.

No centro da reflexão está a dinâmica entre Apolo e Dioniso. Não opostos morais, mas impulsos criadores: Apolo organiza o caos em imagens; Dioniso dissolve fronteiras no uno primordial. O trágico surge quando a forma revela o abismo em vez de encobri-lo. A beleza nasce do pacto precário entre medida e excesso.

2 A TRAGÉDIA ÁTICA COMO FUSÃO ESTÉTICA DO APOLÍNEO E DO DIONISIÁCO

Desde seus primeiros escritos, Nietzsche denuncia a mutilação espiritual causada pelo racionalismo ocidental. Sob a objetividade científica, oculta-se o desejo de fixidez e neutralização da alteridade — impulso de domesticação do real. Já reconhecia aí uma força de contenção da vida: “O Estado nasceu para a guerra e a vitória, e para sua sustentação são necessárias as forças mais ferozes e temíveis” (Nietzsche, 1992, p. 30). A racionalidade estatal exige a supressão da embriaguez e da diferença. Essa tensão entre cultura e violência aparece no modelo grego: “O *Estado grego* não tem outro fundamento senão a antítese entre cultura e escravidão” (Nietzsche, 2011, p. 28). A arte, nesse horizonte, nasce do sacrifício e da exclusão.

Contra esse paradigma, a arte reinstaura o contato com forças primordiais da existência. O romantismo alemão, sobretudo o *Sturm und Drang*, ressurgiu em Nietzsche como corrente subterrânea que desafia a hegemonia apolínea da forma. Desse entrelaçamento emerge o triângulo Nietzsche–Schopenhauer–Wagner, em que a música não é ornamento, mas inscrição do real; nesse ponto se compreende o gesto em que Nietzsche “investe todo o seu saber na tarefa de descobrir e inventar novas formas de vida” (Dias, 2011, p. 13).

Em Schopenhauer, a música ocupa o mais alto grau das artes por expressar diretamente a vontade: “uma cópia direta da vontade” (Schopenhauer, 2015, p. 296). Nietzsche retoma essa intuição e vê a vida como risco em que se pode ganhar ou perder. Esse risco se concretiza na música trágica, que transforma a dor em vivência sensível. O fascínio juvenil por Wagner emerge dessa articulação, na qual o dionisiaco se apresenta como força regeneradora que não teme o sofrimento. A tragédia reaparece como acontecimento musical: inscrição do inominável no ritmo e no timbre.

Entre os elementos herdados de Wagner, mito e música ocupam lugar decisivo, sendo retomados por Nietzsche como paradigma de regeneração estética. O vínculo entre mito e canto foi interpretado por Moniz (2007, p. 28), para quem “o mito canta, e é o canto que lhe dá corpo sensível” — uma formulação que dialoga diretamente com a concepção nietzschiana de música, entendida não como representação da realidade, mas como sua manifestação imediata em *cruza originária*.

O coro trágico, portanto, não é uma mera representação da emoção; ele corporifica o *páthos* coletivo, tornando visível a intensidade da experiência humana. Diante disso, o trágico não surge de uma mera representação do mundo, mas da comunhão dionisiaca que a música possibilita, criando um espaço onde o real é vivido e não apenas discursivamente compreendido.

Essa vivência coletiva, em sua radicalidade, reflete a potência de resistência do trágico, uma resistência que é tanto política quanto filosófica, pois desafia os limites impostos pela razão e a moralidade convencional.

A beleza da música trágica não reside na harmonia, mas na capacidade de acolher o informe e converter a dor em vibração partilhável. Roberto Machado (2005, p. 73) identifica

“uma revalorização da música como linguagem originária e experiência do corpo”. Essa leitura não reduz a música a mero instrumento expressivo, mas a compreende como gesto inaugural de pensamento, anterior ao conceito e à representação. O trágico se reinscreve como modo de pensar com o corpo, capaz de desestabilizar a racionalidade discursiva e de sustentar a desmedida da vida como experiência estética.

Escutar Nietzsche é submeter-se a uma vibração que não explica, mas convoca (Janz, 2015, v. 1, p. 49). A tragédia é presença coletiva, onde a *pólis* vibra com o que excede o sujeito. Para Vernant (2014, p. 33), a tragédia grega é “uma cerimônia cívica em que a cidade, em bloco, é chamada a ouvir-se a si mesma”. O coro encarna o sofrimento como memória partilhada e funciona como manifestação viva da cidade, refletindo sobre si mesma e sobre o abismo que a habita, em que o êxtase dionisíaco desestabiliza a racionalidade política.

A emergência do trágico supõe a articulação de Apolo e Dioniso, não como personagens, mas impulsos. Apolo é medida e forma; Dioniso, êxtase e perda de limites. O trágico nasce de seu entrelaçamento: Apolo torna o caos suportável, Dioniso impede a ossificação da forma. Quando se separam, Apolo sem Dioniso degenera em academicismo; Dioniso sem Apolo, em delírio informe. Sobrevém a decadência da arte.

O teatro grego do século V a.C. expressa essa fusão, acolhendo dilemas insolúveis como elaboração coletiva do inassimilável. A tragédia, ao mesmo tempo produto e crítica da *pólis*, não instrui nem moraliza: revela intensidades. O coro ritual encarna a fusão entre arte, política e religião; Dioniso simboliza a potência anárquica que escapa ao ordenamento jurídico.

Nietzsche vê não um ideal perdido, mas paradigma vital. O trágico não busca harmonia: sustenta o dissenso. Sua força está menos na resolução que na exposição. Politicamente, inscreve na cidade o indomesticável.

No centro está o artista trágico: médium de forças contraditórias. Ele não explica, transfigura. Criar tragicamente é ofício perigoso: caminha à beira do abismo, canta o sofrimento e resiste à neutralização cultural. Essa tentativa constante de domesticação daquilo que excede é descrita por Marton (2000, p. 101): “Eles não suportam a arte que fere e, por isso, se apressam em domesticá-la”.

A arte trágica, ao contrário, sustenta a ferida e não recua diante do intolerável. Nela, o artista não é mestre de conceitos, mas mediador de forças vitais. Rosa Dias (2011, p. 11) exprime essa singularidade ao indicar que Nietzsche não constrói “mais uma” filosofia, mas instaura uma reavaliação da existência em sua inteireza. O artista trágico é catalisador de intensidades, aquele que dá forma ao excesso sem dissolvê-lo. Janz (2015, v. 1, p. 49) descreve essa experiência como a comunicação de “um poder espiritual mais profundo [...] a serviço de uma veracidade que não conhece outra lei senão a si mesma e a vida que se recria eternamente”.

Esse pensamento culmina na fórmula: “Somente como fenômeno estético é que a existência e o mundo se justificam eternamente” (Nietzsche, 1992, p. 31). A tragédia afirma a vida onde ela é mais frágil. Nussbaum (2009, p. 64) lembra: “as pessoas boas são vulneráveis [...] podem ser destruídas por fatores que não controlam”. A tragédia acolhe essa vulnerabilidade, intensificando-a em lucidez.

A interpretação de Moniz (2007, p. 74) destaca a tragédia como “poética da dissonância”, expressão que revela a beleza surgida do choque entre forças inconciliáveis. Essa leitura encontra respaldo na formulação de Rosa Dias (2011, p. 17), para quem “a existência do mundo só se justifica como fenômeno estético”. A tragédia, assim, mostra a grandeza do que fere, o sofrimento convertido em canto, o abismo como início de outra linguagem. Nietzsche não propõe fuga, mas retorno: ao palco, ao mito, ao corpo vibrátil do coro. No som trêmulo da tragédia, a existência reencontra sua dignidade.

3 O DECLÍNIO DO TRÁGICO E O TRIUNFO DO RACIONALISMO SOCRÁTICO

Nietzsche entende a tragédia não como simples gênero estético, mas como gesto inaugural da cultura ocidental. Na *pólis* grega, o teatro era “instrumento de elaboração simbólica e discussão pública das grandes questões da *pólis*” (Canfora, 2015, p. 76), entrelaçando arte, rito e política. A tragédia não expõe apenas o conflito, mas o celebra, transformando o sofrimento em canto e o mito em conhecimento. “O mito não era ficção, mas uma forma de conhecimento” (Canfora, 2015, p. 87). O palco torna-se, assim, espaço em que o irracional é acolhido, e como observa Nussbaum (2009, p. 63), nele se reconhece que “mesmo as pessoas boas podem ser derrotadas por forças que não dominam”.

O culto de Dioniso sustenta esse horizonte: no êxtase e na suspensão das fronteiras identitárias, a tragédia afirma dimensões legítimas do existir. O coro e a música não se limitam a expressar emoções, mas inscrevem o inumano como gesto de verdade. O *logos* não detém primazia, mas é posto em tensão pela força irracional que a cena convoca. Essa tensão entre razão e instinto seria profundamente alterada com a ascensão do racionalismo socrático. Como indica Nietzsche em *O Estado Grego*, “O Estado nasceu para a guerra e a vitória, e para sua sustentação são necessárias as forças mais ferozes e temíveis” (Nietzsche, 2011, p. 27).

O deslocamento que leva ao triunfo da razão filosófica não se deve a esgotamento formal da tragédia, mas a uma mutação espiritual. O que antes se configurava como celebração instintiva passa a ser interrogado por uma racionalidade que busca clareza absoluta. A tragédia, que convertia a dor em canto, perde vigor quando a racionalização cívica marginaliza o dionisíaco. A dissonância, constitutiva do saber trágico, cede lugar à pretensão de inteligibilidade total. Ansell-Pearson sintetiza: “A tragédia é um tipo de conhecimento que desafia a crença na unidade e coerência do mundo” (1997, p. 22).

Sócrates encarna essa inflexão. Não surge como simples figura histórica, mas como acontecimento espiritual que desloca a arte de sua função originária. A clareza socrática

dissolve a opacidade que o trágico preservava. Vernant e Vidal-Naquet (2014, p. 71) lembram que o herói trágico ultrapassa limites “não por ignorância, mas por excesso de potência”; em contraste, o espírito socrático converte mistério em problema e símbolo em argumento. Nesse gesto, instaura-se o ideal de um “mundo verdadeiro” (Nietzsche, 1992, p. 18), que substitui a criação artística por consolo moral e pedagógico, reduzindo a ambiguidade constitutiva da existência.

A racionalidade socrática, erigida em dialética universal, opera como domesticação da experiência. O mito torna-se enredo, a música, persuasão lógica, e a tragédia, pedagogia. A clareza substitui o espanto, e a análise ocupa o lugar da criação. Lefranc (2011, p. 33) vê em Sócrates “o adversário da tragédia”, enquanto Giacoia Jr. (2000, p. 38) identifica nessa racionalidade a “negação da experiência arcaica e genuinamente grega”. A serenidade socrática diante da morte revela a emergência de um novo tipo humano, incapaz de tremor diante do abismo.

A dialética não se apresenta apenas como método, mas como supressão do saber dramático. A dor já não é cantada, mas domada; no lugar do ritual, a tese; em vez da embriaguez, o conceito. Instaura-se um niilismo discreto, onde o que não pode ser expresso com clareza é silenciado. Nietzsche via os sistemas conceituais fechados como ‘expressão de fraqueza vital’, aponta Janz (2015, v. 1, p. 46).

A cena trágica não é superada pela arte, mas suprimida pelo discurso racional. A ciência moderna, herdeira desse ideal, assume papel metafísico ao pretender decifrar a existência em vez de cantá-la. “Sem a arte, a vida seria um erro” (Nietzsche, 2012, p. 107). O deslocamento da arte para funções pedagógicas e morais empobrece sua força originária, transformando a dor em doutrina e o abismo em decoro.

Nietzsche não contrapõe ciência e arte como polos irreconciliáveis, mas distingue modos de habitar o real. O problema está na hegemonia da racionalidade moderna, que, ao impor clareza e funcionalidade, interdita o enigma e reduz a experiência estética à utilidade. A arte, submetida a esse paradigma, perde potência crítica e se converte em reflexo de conformidade. Reaproximar-se do dionisíaco não significa regressão, mas recuperação de uma sensibilidade capaz de sustentar a ambiguidade. Dioniso, expulso pela razão, retorna como espectro da modernidade. Reencontrá-lo é afirmar a arte como dimensão constitutiva da existência.

A morte da tragédia, portanto, não configura perda estética, mas apelo. O artista trágico não restaura fórmulas antigas, mas dá forma ao insuportável sem dissolvê-lo em consolo. A arte trágica não salva por fuga ou redenção discursiva: intensifica o vivido, molda o excesso em forma e afirma o abismo como dado constitutivo do real. “O homem trágico afirma a vida tal como ela é sem querer modificá-la, sem esconder sua dor, sem esperar consolo” (Nietzsche, 1992, p. 91).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão nietzschiana em *O nascimento da tragédia* não é nostalgia do passado grego, mas crítica à crise de sentido da modernidade. Ao mobilizar a experiência trágica como resistência à racionalidade que empobrece o simbólico, Nietzsche não aponta para a superação definitiva da tragédia, mas para sua reinvenção como possibilidade vital de desestabilizar a ordem pacificadora da razão.

A passagem do canto para o discurso, da embriaguez para a clareza, assinala uma mutação civilizatória: a razão deixa de mediar e passa a impor. Ao converter a tragédia em linguagem inteligível, sua potência simbólica se enfraquece, perdendo a capacidade de enfrentar o real em sua inteireza. O dionisíaco, pulsante e irracional, não se formula, mas irrompe. O teatro, nesse horizonte, não pretende convencer, mas inquietar — como observa Canfora em *O mundo de Atenas* (2015, p. 76): “A tragédia grega não era apenas uma expressão estética, mas um instrumento de reflexão e crítica sobre as questões centrais da *pólis*”. Nessa tessitura, o mito torna-se contraforça à tirania da razão, recusando a transparência discursiva.

A crítica de Nietzsche encontra eco em Adorno e Horkheimer, que em *Dialética do Esclarecimento* mostram como o progresso da razão moderna, em vez de libertar, submeteu o indivíduo a novas formas de dominação. Para eles, a arte absorvida pela indústria cultural perde o poder de desestabilizar, tornando-se mercadoria para consumo rápido. Essa denúncia converge com a de Nietzsche: ao substituir a experiência estética pela clareza racional e pela pedagogia moral, a arte se enfraquece como potência criadora e se reduz a instrumento de conformidade.

Reabilitar o trágico, nesse contexto, significa revalorizar a arte como ontologia da vida. Na análise de Roberto Machado, a arte trágica resiste ao esvaziamento da existência pela razão. Ela não constrói valores substitutivos, mas sustenta o mundo sem véus, oferecendo um exercício de escuta ao intolerável, não para redimi-lo, mas para intensificá-lo. O desafio nietzschiano não consiste em buscar sentido, mas em criar modos de habitar o sem-sentido com dignidade — não pela verdade, mas pela arte.

Essa crítica, longe de encerrar-se no século XIX, ganha atualidade no cenário contemporâneo. A digitalização, a indústria cultural e a tecnociência impõem uma estética voltada ao consumo imediato, marcada pela saturação imagética e pela superficialidade algorítmica. Nesse horizonte, a arte tende a confirmar o diagnóstico nietzschiano sobre o triunfo de uma racionalidade que domestica a experiência.

Diante disso, sua filosofia aponta para uma tarefa urgente: recuperar a dimensão trágica como força de resistência. A arte trágica, enquanto intensificação da vida e confronto com o intolerável, recusa a lógica da reconciliação e do entretenimento superficial, afirmando-se como experiência que não apazigua, mas fere, inquieta e desloca.

Assim, a estética trágica nietzschiana não é retorno arqueológico à Grécia, mas gesto intempestivo que interpela tanto a modernidade quanto o presente. Ela nos desafia a reencontrar na arte — contra o niilismo, contra a mercantilização, contra a técnica absolutizada — um modo de habitar o excesso e a dor como formas de criação, sem redenção e sem promessa, mas com a dignidade de quem canta a própria finitude.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *A Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Tradução de Sérgio Tellaroli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANSELL-PEARSON, Keith. *Nietzsche como Pensador Político: Uma Introdução*. Tradução de Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Emanuel Oliveira Lima. São Paulo: Editora 34, 2015.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro grego: tragédia e comédia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

CANFORA, Luciano. *O mundo de Atenas*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CERANTO-RIBEIRO, Valéria. *Nietzsche e as problemáticas relações entre arte e racionalidade em “O nascimento da tragédia”*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Filosofia) - Universidade Federal de São João del-Rei, Campus Dom Bosco. Orientador: Prof. Dr. Richard Romeiro Oliveira.

DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.

GIACOAIA JR., Oswaldo. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000.

LEFRANC, Jean. *Compreender Nietzsche*. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a polêmica sobre o nascimento da tragédia*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2005.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: da grande política à educação*. São Paulo: Unesp, 2000.

MONIZ, Luiz Cláudio. *Mito e Música em Wagner e Nietzsche*. São Paulo: Madras Editora, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Estado Grego*. In: _____. Textos 1870-1873. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Hedra, 2011. p. 27–35.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia / Considerações extemporâneas*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NUSSBAUM, Martha C. *A fragilidade da bondade: fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*. Tradução de Ana Aguiar Cotrim. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: uma biografia*. Vol. 1: *Infância e juventude. Os anos em Basileia*. Tradução de Markus Hediger e Luís Sander. Petrópolis: Vozes, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2015.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Artigo Submetido em 07/09/2025 e aprovado em 15/09/2025

Breves informações sobre o autor: Especialista em Leitura e Produção Textual (UniCesumar). Bacharela em Filosofia (UFSJ). Pesquisa Nietzsche, tragédia grega e crítica da racionalidade.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5212-3624>

E-mail: valeriacerantoribeiro@aluno.ufsj.edu.br

Endereço: Estrada do Caminho Velho, Jardim Nova Cidade, 07252312 - Guarulhos, SP

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Adilson Felicio Feiler, Kelly de Fátima Castilho